

Arte e política à revelia do patrimônio: fagulhas de uma cartografia (fugida) das manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil

Kevin Gomes¹
Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: Tomando como aporte teórico, poético e político uma certa ciência social minoritária, o pensamento negro-travesti radical e a filosofia da diferença, busco mais compartilhar sussurros e fagulhas do que oferecer respostas neste texto. Trata-se de um estudo (precário) acerca da pesquisa que tenho desenvolvido em direção à tese de doutoramento. Primeiramente, compartilho brevemente meu argumento de que o sexo/gênero moderno/colonial é um circuito de afetos que reduz a subjetividade à experiência do sujeito identitário. Em seguida, argumento em favor da pesquisa do que chamo de manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, e como suas estratégias poético-políticas de sobrevivência se dão à revelia do Entendimento, fugindo de toda captura. Concluo compartilhando algumas pistas para tal pesquisa e sobre os limites da captura representacional e da política patrimonialista.

Palavras-chave: dissidentes sexuais; desobedientes de gênero; fuga; imaginação radical; patrimônio.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida/ASCES-UNITA. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande.

Art and politics in spite of patrimony: sparks of an (fugitive) cartography of the herds of sexual dissidents and gender disobedients in Brazil

Abstract: Taking as my theoretical, poetic and political contribution a certain minority social science, the radical black-travesti thought and the philosophy of difference, I seek more to share whispers and sparks than to offer answers in this text. This is a (precarious) study about the research I have been developing towards my doctoral thesis. First, I briefly share my argument that modern/colonial sex/gender is a circuit of affects that reduces subjectivity to the experience of the identity subject. Next, I argue in favor of researching what I call herds of sexual dissidents and gender disobedients, and how their poetic-political strategies of survival take place in spite of Understanding, evading all capture. I conclude by sharing some clues for such research and about the limits of representational capture and of patrimonialist politics.

Keywords: sexual dissidents; gender disobedients; fugue; radical imagination; patrimony

Arte y política a pesar del patrimonio: chispas de una cartografía (fugitiva) de las manadas de disidentes sexuales y desobedientes de género en Brasil

Resumen: Tomando como aportación teórica, poética y política una cierta ciencia social minoritaria, el pensamiento negro-travesti radical y la filosofía de la diferencia, busco más compartir susurros y chispas que ofrecer respuestas en este texto. Se trata de un estudio (precario) sobre la investigación que vengo desarrollando para mi tesis doctoral. En primer lugar, comparto brevemente mi argumento de que el sexo/género moderno/colonial es un circuito de afectos que reduce la subjetividad a la experiencia del sujeto identitario. A continuación, defiendo la investigación de lo que llamo manadas de disidentes sexuales y desobedientes de género, y cómo sus estrategias poético-políticas de supervivencia tienen lugar a pesar del Entendimiento, evadiendo toda captura. Concluyo compartiendo algunas pistas para dicha investigación y sobre los límites de la captura de la representación y de la política patrimonialista.

Palabras clave: disidentes sexuales; desobedientes de género; fuga; imaginación radical; patrimonio

Uma estratégia de resistência geral e coletiva pode consistir em nos tornarmos indiscerníveis.
(Plus Bure sera leur chute)

Se migrarmos, os predadores morrerão de fome.
(Castiel Vitorino Brasileiro)

Nota/Di(Ante) do portal

Este texto resulta de um exercício de reflexão-afetação forjado em um momento de transição/transmutação de minha carcaça e de minha subjetividade. Nele – às vezes mais evidentemente, outras de maneira mais opaca – deixo registrado os fragmentos de algumas de minhas travessias e encontros: a passagem entre o fim da pesquisa de mestrado e início do curso de doutorado; minha aproximação epistêmico-política com o pensamento negro-travesti radical; a experiência com a disciplina de “Metodologia de Pesquisa B – Cartografias”, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, que aponta para modalidades de pesquisa menos representacionais e mais produtoras da diferença; além de meu amadurecimento (movente, errático) como cientista social e como dissidente sexual neste território/cativeiro chamado Brasil.

Em suma, trata-se de um experimento que opera como possibilidade (precária) de estudo (para o plano de fuga) que quero realizar com a pesquisa de tese. Dessa maneira, gostaria de sublinhar que as próximas páginas funcionarão como centelhas, como carvões em brasa que iluminam sem revelar totalmente. Dito de outro modo, o que se segue não são respostas bem delineadas, projetos bem-marcados, pesquisas concluídas, representações tautológicas bem esquadrinhas, etc. Como espero trazer neste material, o trabalho com o qual tenho me implicado – em termos de pesquisa e em termos de produção de sobrevivência-em-meio-ao-caos – se dedica a estudar maneiras de estar confortável com o não resolvido, com o amorfo, com a escuridão, com o inesperado e com o opaco. Trata-se de uma torção da/na Razão Universal e no Entendimento Humano.

Assim, convido a leitora para tomar este texto como um portal – uma zona precária e instável de abertura de possibilidades infinitas, im/possíveis. E, nesse mesmo movimento, pelo menos por um momento fugaz, estar confortável com a ideia de pensar a potência que há em movimentos fugidios e incapturáveis. Estar provisoriamente cômoda com a força que há em não se deixar entender, registrar, arquivar e patrimonializar. Não ofereço chaves ou respostas e sim, mais bem, um faro epocal acerca de vidas que, assim como a minha, querem tornar-se imensuráveis.

Segredo/Anunciação

Antes de tudo, um desabafo. Um desabafo que também é, ao mesmo tempo e de forma espiralar, um segredo, um grito, uma anunciação, um sussurro e um conjuro. Começo a escrita destas páginas um pouco desesperado. Há algumas semanas venho ensaiando por onde começar, como começar e quem chamar para começar e conversar aqui, neste adensamento de dúvidas e questões que compõem a minha pesquisa em estado larvar. Encontro-me habitado por incertezas,

indefinições e contornos moventes em várias esferas de minha vida – e isso não deixa de acontecer na atividade científica a que me propus.

No entanto, antes dessas oscilações opacas serem, para mim, algo que dificulta a pesquisa, tornando-a um problema, gostaria de salientar que são justamente esses movimentos – isto é, essas dúvidas movediças, esses gradientes de forças que me levam a altos picos e profundos vales subjetivos – que animam e que, talvez, funcionem como o combustível que impulsiona o meu trabalho. É numa existência assentada em lava que me (des)faço. É mergulhando no magma (VENTURINI, 2010) que busco construir, em manadas pós-apocalípticas, junto de minhas irmãs que (r)existem à revelia deste mundo, o tipo de trabalho cujo contorno tento – ainda que precariamente – desenhar/cartografar aqui. Irei retomar algumas dessas ideias/afetos nas próximas páginas, na tentativa de deixá-las um pouco mais *escuiresidas* (CAMPOS LEAL, 2020).

Acredito que, em se tratando de um contorno, devo começar primeiramente compartilhando algumas linhas. Tentar (des)organizar algumas pegadas, quase apagadas, dos caminhos que trilhei, que me trouxeram até aqui e que me arrastam para os confins de uma fuga que, por ora, não conheço claramente – e, mais uma vez, insisto que essa força opaca, que não se resolve na luz, na claridade e na certeza, é fluxo vital que integra este trabalho. Pois bem. As linhas – subjetivas, textuais, semiótico-técnicas e somatopolíticas – que estou tentando desenvolver na escrita deste texto/estudo e na pesquisa de tese são desdobramentos de outras linhas – algo como o movimento errático da haste de um rizoma buscando outros caminhos, novas conexões e possibilidades de atualização de virtualidades ativas e potentes.

Nesse sentido, temos que o projeto de tese de doutorado emergiu de algumas questões e alguns nós-na-garganta que se apresentaram ao fim da pesquisa de mestrado. Por isso acredito ser necessário compartilhar, ainda que brevemente, sobre essa passagem/travessia. Em minha dissertação, defendida há cerca de um ano atrás – e por isso o conglomerado de dúvidas ainda habitando o meu ser/devir –, busquei cartografar o sistema sexo/gênero – isto é, aquilo que se entende hegemonicamente por sexo, gênero, desejo, corpo, prazer, *etc.* – como um circuito de afetos próprio da modernidade/colonialidade e de sua micropolítica relativa do desejo.

Ao realizar uma breve síntese teórico-política das perspectivas decolonial e *queer*, e ao infectar-conectar conceitos operatórios desses marcos com aqueles maquinados na antropofagia e na filosofia da diferença, investigo algumas experiências sexo-genitais de *Abya Yala* antes da invasão ibérica. Sugiro, ao fim do trabalho, que o sexo/gênero moderno/colonial sustenta e faz circular, há mais de cinco séculos, uma micropolítica do desejo reativa e estéril, centrada no sujeito identitário; diferentemente do tipo de micropolítica ativa que, de acordo com minhas investigações, circulava e era acessada entre os nativos de *Abya Yala*. Disso decorre – e este é o argumento de minha cartografia antropofágico-afetiva – a redução e o aprisionamento da experiência subjetiva ao sujeito identitário e à sua cartografia de sentidos. Numa palavra, trata-se do assujeitamento do desejo.

A tradução das forças lá, fora e antes de todos os textos, bem como o seu arquivamento, funciona como o assujeitamento do desejo. O sexo/gênero moderno/colonial é esse circuito de afetos amparado pela tradução das forças em formas, que acaba por anestesiar as potências e tornar inacessível/obstruído o saber-do-vivo e o acesso às experiências fora-do-sujeito. Disso decorre a prisão e repetição *ad infinitum* na experiência-do-sujeito e em seu repertório identitário-figurativo, em sua cartografia de sentidos. Gostaríamos de propor que esse é, precisamente, o lado oculto/obscuro da colonialidade do gênero. O sexo/gênero moderno/colonial funciona por repetição, tautologia,

homogeneização, tradução, transparência, sobreposição, esterelização e captura das forças existentes lá, fora e antes de todos os textos. Tradução que opera investindo não apenas um repertório sexual binário e práticas cisheterocentradas, mas também um repertório subjetivo; isto é, em uma micropolítica do desejo: modos de ser/habitar/criar mundos. Máquina sexo/gênero moderno/colonial produzindo máquina subjetiva de monocultura desejante. [...] Em síntese: sexo/gênero = aparelho de captura + tradução das forças + obstrução dos devires. (GOMES, 2021: 142-3)

Em suma, argumento que, com/através/por meio do sexo/gênero moderno/colonial, as forças-intensivas são traduzidas, sublimadas, sedimentadas e obstruídas por formas identitário-figurativas, impedindo os movimentos de diferenciação próprios à condição de vivo – isto é, os devires vitais. No entanto, se de toda máquina social escapam fluxos – intensidades díspares, vetores heterogêneos –, são justamente esses fluxos irreduzíveis que, ao fim do trabalho de dissertação, começaram a me cutucar, me desterritorializar e me arrastar para a elaboração de um projeto de pesquisa de doutorado que se dedicasse justamente a isso que escorre, que escapa e que não se resolve. Uma força que desconheço, que rasga minha subjetividade, que sussurra ao pé do meu ouvido, que perturba os meus sonhos e que vibra para além do tempo e do espaço me traz até essas ideias, até esses afetos e até essas páginas.

Sobre máquinas e fluxos

Se o diagnóstico da dissertação foi que o sexo/gênero, mais do que uma padronização/produção de práticas, recortes e distribuições, funciona como uma micropolítica do desejo que nos reduz ao sujeito identitário; e que até nossas resistências – as esquerdas, os movimentos sociais, as artes e as demandas operadas apenas na esfera macropolítica – parecem estar sitiadas, eu não gostaria de concluir com um enquadramento que nos impossibilitasse, por todos os lados, de (re)agir frente a esse cenário. Se parece impossível fugir, se não há saída, insistimos por isso mesmo na fuga.

Nós, dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, pessoas racializadas, criaturas empobrecidas, desertores do mundo como o conhecemos, povos indígenas e uma multidão de minorias políticas somos manadas, bandos, matilhas e cardumes pós-apocalípticos inscritos neste mundo-destituído-de-mundo. Por isso mesmo insistimos no movimento errático, na tática furtiva, na fuga indefina, na linha de fuga que se abre a cada vez que nos constroem e nos obstruem. Portanto, é desse turbilhão de forças e de afetos que começo a tatear cegamente, a esquadrihar pantanística e provisoriamente e a articular de maneira opaca a questão em torno da qual gira este texto.

Aprendi com Deleuze e Guattari (2010) que de toda máquina escapam fluxos, movimentos, intensidades e vetores. Todo estrato é atravessado por uma (ou várias) linha(s) de fuga. Assim, meu interesse é se debruçar sobre isso que escapa da máquina somatopolítica que é o sexo/gênero moderno/colonial e de sua micropolítica do desejo. Começamos, então, chamando Judith Butler para COM-por (MORAES, 2014) a fuga e o respiro que é não apenas este texto, mas toda a articulação da pesquisa (fugidia) que pretendo desenvolver.

Butler (2019a) argumenta que as normas regulatórias do sexo/gênero são práticas performativas reiteradas e citacionais, pelas quais o poder produz aquilo que nomeia e governa. Para a autora, “as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo” (BUTLER, 2019a: 16), tornando os sujeitos inteligíveis, transparentes. Essa materialização produzida a cada instante

faz com que os corpos apenas surjam e perdurem dentro das restrições produtivas de certos esquemas de sexo/gênero altamente regulatórios. Assim, o sexo/gênero é uma normatividade e o corpo – o corpo organizado, o organismo – a materialização dessa norma, pela qual “o ‘sujeito’ pode chegar a ser totalmente viável, o que qualifica um corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2019a: 17). Tais restrições regulatórias e de produção de subjetividade não produzem apenas corpos inteligíveis, mas também um domínio de corpos impensáveis, estranhos, monstruosos e “abjetos” – aquilo que a autora chama de “exterior constitutivo” da norma regulatória.

Essa inteligibilidade produzida a partir da distribuição de efeitos ontológicos (BUTLER, 2019b), por ser necessariamente refeita e rearticulada a cada momento e em cada ponto da malha de relações – jamais completa e sempre por fazer-se –, tem um caráter instável. Como colocado anteriormente, sua materialização requer uma reiteração eficaz das normas do sexo/gênero e nunca está feita por completo. Concordando com Michel Foucault, em sua visão de que “lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1999: 91), é possível afirmar que essa instabilidade – essa fuga do Entendimento – figura a possibilidade de ação crítica e subversiva das normas do sexo/gênero moderno/colonial. É precisamente nesse ponto que meu interesse de pesquisa para a tese ganha fôlego, crepitando como labaredas que cantam sobre os mistérios da opacidade.

A instabilidade figura, dessa maneira, toda uma zona aberta de possibilidades múltiplas, de virtualidades assignificantes, de rotas de fuga im/possíveis. Dissidentes sexuais e desobedientes de gênero dessa ficção necrobiopolítica chamada Brasil têm articulado a instabilidade como possibilidade de fuga liberta do Entendimento, de uma fuga indefina que vibra, acontece e se faz à contrapelo do Mundo Ordenado (FERREIRA DA SILVA, 2019) e de seu repertório. Assim, pretendo investigar isso que estou chamando, provisoriamente, de manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil – isto é, artistas, coletivos e *performers* que estão, através de suas experiências, experimentos, instalações e criações, tensionando o regime do sexo/gênero moderno/colonial e, concomitantemente e de maneira espiralar, a experiência subjetiva do sujeito identitário. E, de maneira fractal, quero me implicar com tais estratégias que se fazem além e aquém do Entendimento, da captura e da representação; fugindo inclusive dos cerceamentos que os processos de patrimonialização podem abarcar.

Para isso, tomo a arte – ou, mais precisamente, uma certa produção artística dissidente – como uma esfera que possibilita táticas furtivas que desertam o mundo como o conhecemos e suas instituições. Nesse sentido, a produção artística e poético-política das manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil parece apontar para uma arte-em-devir – uma arte que transmuta e, nesse gesto mesmo, tangencia qualquer representação. Se costumeiramente o mundo da arte é tomado como um campo que espelha, representa ou contesta a realidade, a produção *esquizo* pela qual estou interessado busca, diferentemente, ex/orbitar a realidade, fazer o real vazar. Se essa produção (de transfiguração/transmutação) é uma secreção dos subcomuns da realidade (BONA, 2020; MOTEN, 2021), ela escorre de qualquer definição, desliza de toda captura, deserta todos os lugares prontos e histórias já contadas, na direção de adensar o negrume do indefinível.

Não é minha intenção esquadrihar um panorama sobre duas modalidades de produção artística – por exemplo, uma representacional e outra evasiva. O que

desejo, mais bem, é acompanhar os processos de produção dissidente que, propositalmente, confundem os processos de identificação e de registro. Se há uma tendência (importante, em certo nível) em reivindicar a criação de outros arquivos, em atentar para a diversidade de patrimônios e bens materiais e imateriais, aqui busco (precariamente) me implicar com essa produção que opera nas sombras, na escuridão, no segredo, no negrume.

Meu *insight* é que há um protesto de inconscientes, uma força vital de diferenciação em movimento agenciada por esses corpos-subjetividade que articula de maneira rizomática arte, política, ética e estética e que não quer ser arquivada/capturada. A imaginação radical agenciada por essas pessoas monstruosas – mais monstros que pessoas humanas, e que se reapropriam e fazem uso ativo dessa monstruosidade –, a partir de suas/nossas fragilidades integradas, parece indicar o movimento no desejo; isto é, o movimento *do* desejo – tomando, aqui, o desejo como uma esfera de criação e diferenciação de mundos.

Resumindo, quero marcar a importância de cartografar as estratégias, os dispositivos, as alianças e os deslocamentos produzidos por essa multidão de inconformes, tentando investigar como a imaginação radical – que não deixa de ser uma práxis, uma prática – pode operar como força anticolonial que libera o mundo por vir das amarras do mundo por acabar justamente ao operar através de movimentos erráticos e furtivos, fugas indefinidas e estratégias de opacidade; indo além das gramáticas de morte e captura. Aqui, portanto, a arte opera como potencial furtivo, como um campo para rascunhos de desaparecimento e adensamento das sombras. Tais estratégias ex/orbitantes não têm como utopia tornar-se patrimônio, arquivo ou referência, mas ecoam pura e simplesmente força fugidia radical e imensurável, irreduzíveis a qualquer representação. Nesse ponto algumas questões se apresentam, agitando e dobrando meu corpo molecular-vibrátil (GOMES, 2021), funcionando como uma espécie de sussurro ou de solavanco e que me permite recordar que, apesar de uma fuga indefinida, existem estratos que devem compor o meu trabalho; ele deve ter consistência abarcada em um contorno movente.

Isto é, tentando me equilibrar entre os processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, como delinear um *corpus* analítico que dê consistência e exequibilidade para a maquinação/realização da tese? Que dispositivos (contra)metodológicos podem permitir o pesquisarCOM (MORAES, 2014)? Como se debruçar sobre as forças que estão em jogo nesse diagrama de intensidades operado pelas manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil? Que tensões e/ou possibilidades se abrem quando pensamos arte, política, táticas furtivas, arquivos, desaparecimento e políticas patrimonialistas?

É aqui que questões metodológicas começam a demandar atenção, e é aqui que a disciplina de Cartografia, cursada no semestre 2021.1, entra em cena, permitindo que eu possa agenciar ideias e afetos na direção da construção dessa pesquisa que – conforme sinto em meu corpo e em minha subjetividade – já faz parte desse trabalho fractal e pluriperspectivista de desconstrução e de imaginação radical anticolonial. Este (nosso) múltiplo trabalho anuncia os limites do texto moderno/colonial e do Mundo Ordenado, a prisão que é ter nossa existência reduzida ao sujeito identitário e às instituições museológicas/de arquivamento; e insiste na fuga, no estilhaçamento e na não-captura patrimonialista – correndo para o além e aquém do Entendimento.

Inquietações (contra) metodológicas, ou algumas pistas preliminares

Em se tratando de um movimento do desejo que se faz de maneira opaca e errática – isto é, que não se pretende resolvível dentro do repertório do sujeito identitário e do texto moderno/colonial –, as manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil não podem e nem querem ser representadas. Isso deve, definitivamente, ser guardado em mente e sempre reaparecer como um ritornelo no percurso da própria pesquisa e dos estudos em curso – nas ciências sociais, nas artes e nos movimentos de organização da social civil – que buscam compreender (precarosamente) essas estratégias de luta e sobrevivência, uma vez que existem implicações políticas contidas nessa postura.

Dito de outra maneira, as articulações ético-estéticas maquinadas por essa multidão pós-apocalítica – seja na música, na performance, na clínica ou na pós-pornografia, apenas para citar algumas –, por serem processuais e erráticas, extrapolam não apenas o repertório identitário-figurativo das formas, com o qual estamos acostumados; mas também os próprios dispositivos de pesquisa científica que circulam de maneira hegemônica, aqueles que nos levam a representar objetos, a medir desempenhos ou a comparar performances. São movimentos furtivos que buscam escapar dos grilhões da representação, do arquivo e da patrimonialização.

Unindo-se e se implicando com uma certa tradição de táticas furtivas (negros fugitivos, desertores, piratas, cangaceiros, drogados), a produção poético-política das manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero toma as tecnologias de desaparecimento como herança de sobrevivência ancestral radical. Ao insistir no desaparecimento, no incapturável, nos movimentos erráticos que “endossam a sombra estriada das folhagens” (BONA, 2020: 71), essa arte opera não pelo abandono das representações inteligíveis ao Entendimento Humano. Se o arquivo e as políticas patrimonialistas buscam registrar, trazer à luz e ao conhecimento, dar visibilidade, definir e multiplicar os lugares do mundo como o conhecemos, aqui trata-se, diferentemente, de movimentos que desertam o arquivo, os registros e as histórias sempre-já prontas para, enfim, devir-imperceptíveis.

É precisamente neste ponto que a cartografia emerge, não apenas como aquilo “busca a investigação da dimensão processual da realidade” (KASTRUP e PASSOS, 2013: 265), mas também como força desestabilizadora do Mundo Ordenado. É evidente e urgente o fato de que é preciso “renunciar, por um tempo talvez, a essa velha assombração da representação e linearidade da narrativa e surpreender-se com o profundo das incertezas” (MOMBAÇA e MATTIUZZI, 2019: 23).

A renúncia da representação implica, em termos de pesquisa cartográfica, a busca por dispositivos e ferramentas que possibilitem o acesso às forças que estão em jogo no campo. Deslocando nossa atenção para o caráter processual da pesquisa, torna-se notório os limites e as restrições daqueles dispositivos que focam apenas nas formas, nos registros inteligíveis à Razão Universal e ao Entendimento Humano. Como salientam Virgínia Kastrup e Eduardo Passos (2013: 276),

se vamos cartografar um território, temos de apreender uma dimensão que vai além do reconhecimento de formas, mas remete aos vetores transversais que lhe dão consistência, ou seja, atmosferas, ritmos, velocidades e intensidades que configuram a dinâmica das formas.

Este é, precisamente, o desafio de meu trabalho. Como apreender aquilo que está além e aquém da representação – e por isso mesmo apontando o limite da noção de patrimônio? Como acessar a dimensão processual do trabalho fractal, difuso, errático e opaco maquinado pelas manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil? Como investigar aquilo que, ao romper com as formas identitário-figurativas, acaba por apontar os limites do texto moderno/colonial e do Mundo Ordenado? Como acompanhar o “rascunho de rotas provisórias, o sussurro de possibilidades impossíveis, a manifestação misteriosa da existência do que não existe” (MOMBAÇA, 2021: 18-9)? É di(ante) dessas questões borbulhantes e magmáticas, assim como de frente com esse convite ao mergulho no infinito incapturável, que me encontro e me (des)faço.

Nesse sentido, fazendo um uso ativo e criativo da série de dúvidas e oscilações que apresentei até aqui – que percorrem, fluem e habitam não apenas as páginas que aqui escrevo, mas também minha carcaça, minha subjetividade, meus sonhos e meus delírios –, e agenciando algumas das ideias e dos afetos despertados pela disciplina de Cartografia, creio que podemos elencar algumas pistas provisórias, alguns rastros momentâneos e alguns caminhos fugazes que, daqui em diante, poderão auxiliar no desenvolvimento da pesquisa e no acesso ao plano das forças, vibrando e se fazendo além e aquém da captura patrimonial, do discurso do arquivo e das instituições de visibilidade. Em suma, é chegada a hora de apostar em um dispositivo pois, conforme tenho aprendido, a eleição de um dispositivo é o que faz com que as forças emergjam; é o que nos permite chegar até elas.

A primeira pista que parece poder funcionar como um dispositivo de acesso ao plano das forças e ao caráter processual dessa fuga indefinida maquinada pelas manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero já foi indicada, pelo menos de maneira implícita e opaca, nas páginas acima. Trata-se do deslocamento da atenção. Como sublinhado por Kastrup (2009: 34) “a atenção cartográfica – ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta – é habitualmente inibida pela preponderância da atenção seletiva”. A atenção seletiva é aquela que funciona no campo das formas e que opera através da representação e/ou mensuração de dados, objetos, coletivos, etc. O que importa salientar é que, ainda de acordo com a autora, a atenção seletiva não diz respeito apenas a um modo de fazer pesquisa, mas também a uma certa política cognitiva – isto é, um certo modo de habitar e se relacionar com o mundo, uma certa atitude para com os intercessores da pesquisa e para com o mais-que-humano que vibra no mundo.

Ora, é justamente dessa atenção seletiva que a cartografia e, nesse sentido, o desenho de pesquisa que estou articulando aqui, tenta se afastar. Esse tipo de atenção não dá conta de investigar movimentos em cursos, rotas em aberto e processos de subjetivação. Assim, o que precisamos é realizar um processo de (des)aprenzigem daquilo que está calcificado como o passo a passo habitual da pesquisa científica. É preciso articular a dimensão negativa – desconstrução, abolição – dessa atividade e deslocar-se na direção de uma atenção aberta e sensível – aquilo que chamei, em minha dissertação de mestrado, de “despertar molecular-vibrátil” (GOMES, 2021).

Se meu objetivo é cartografar as alianças, os dispositivos, as técnicas, os deslocamentos e as operações ético-estéticas das manadas de sexuais e desobedientes de gênero do Brasil, irreduzíveis às formas identitário-figurativas, ao arquivamento pelo Entendimento e à captura patrimonial, uma atenção minoritária e em devir faz-se necessária.

A subjetividade do cartógrafo é afetada pelo mundo em sua dimensão de matéria-força e não na dimensão matéria-forma. A atenção é tocada nesse nível, havendo um acionamento no nível das sensações, e não no nível das percepções ou representações de objetos. (KASTRUP, 2009: 42)

Em suma, sendo este um trabalho processual e errático, que busca acompanhar movimentos erráticos, furtivos, cambiantes e amorfos, uma atenção à espreita – sensível aos processos de criação/conservação de mundos – emerge como ferramenta útil e potente. Assim, deslocar nossa atenção para “matérias fluidas, forças tendenciais [e] linhas em movimento” (KASTRUP, 2009: 42), ativando uma disposição cartográfica aberta e sensível, parece ser o primeiro passo de reflexão (contra)metodológica que tornará o trabalho exequível e, mais do que isso, portador de germens de mundo além e aquém do arquivo colonial e da política representacional. O esforço é abrir, retomar e acompanhar rotas para o conforto com o mistério, com as forças do negrume e com aquilo que, para sobreviver, desaparece na escuridão.

A segunda pista que parece ser útil nesse (fugidio) desenho cartográfico diz respeito à necessidade e à fecundidade que há em seguir colado no processo sobre o qual nos debruçaremos. Dito de outra maneira, existe um certo *ethos* cartográfico que implica em não sobrevoar acima do processo – distante e desconectado dele – e nem em escavá-lo – buscando uma origem, uma gênese, uma verdade oculta –; mas pura e simplesmente seguir colado e implicado nele. Ao simplesmente deslocar a atenção de uma esfera estática, estéril e transparente para uma esfera processual, movente e opaca corre-se o risco de perder eventuais pontos importantes que alimentariam a pesquisa. É por isso que uma pista conecta-se à outra e, desse modo, ao refinar nossa atenção cartográfica é importante, também, seguirmos colados no processo que pretendemos investigar, buscando não representá-los, mas nos implicarmos com ele. Assim, a torção di(ante) dos processos de captura e patrimonialização não significa deixar as coisas soltas, abandonadas.

Seguir colado, junto, devindo e COM-pondo com o processo que pretendemos investigar mostra-se profícuo na medida em que é na processualidade que “o social está em ação e é esse o porquê de não termos outra opção senão mergulhar no magma” (VENTURINI, 2010: 264. Tradução minha). Se as músicas, as performances, as intervenções urbanas e digitais, maquinadas pelas manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil, pretendem-se não ser capturadas pelo repertório identitário-figurativo moderno/colonial e pelo arquivamento patrimonial – como tenho procurado sugerir –, é preciso acompanhar os movimentos erráticos e a abertura de linhas de fuga articuladas por esses gregarismos pós-apocalípticos. Esse tipo de articulação, sendo processo, não é projeto. Não é promessa. É produção *esquizo* – à revelia; além e aquém do repertório moderno/colonial. Nesse sentido, seguir colado no processo de maquinação dessa fuga indefinida – por mais difícil, controverso e demorado que isso, certamente, será – parece figurar mais uma pista que, pelo menos por ora, indica ser alimento-força para a exequibilidade da pesquisa de tese.

Por último, mas não menos importante, temos a pista do tracejar e acessar um plano comum. Aqui o comum é entendido como uma zona pré-individual, assignificante, heterogênea e não totalizável. Na criação/acesso desse plano coletivo reside algo muito bonito e potente: a possibilidade de imbricação e emaranhamento – devir minoritário – entre o trabalho do cartógrafo e seus intercessores. Produção de mundo que se faz não por identificação, mas por ressonância de intensidades-força. Conforme indicado por Kastrup e Passos (2013: 270):

no coletivo não há, portanto, propriedade particular, nada que seja privado, já que todas as forças estão disponíveis para serem experimentadas. É aí que entendemos se dar a pesquisa cartográfica: experimentação no plano coletivo, construção do comum, experimentação pública.

Não existe protocolo para a construção desse plano compartilhado. Trata-se de um exercício, de uma dedicação e, como espero estar deixando evidente, da articulação de pistas e disposições que possibilitam não um trabalho sobre um objeto – o que ficaria, ainda, no campo da representação, do arquivo, da captura, da visibilidade, do patrimônio, da política cognitiva que circula no/com o Mundo Ordenado e sua política cognitiva do Entendimento –, mas sim um trabalho com intercessores; isto é, um pesquisarCOM (MORAES, 2014). Um trabalho implicado no qual a diferença se faz sem a separabilidade (Ferreira da Silva, 2019). Isso toma proporções ainda mais sérias quando lembro e levo em conta que a multidão de criaturas que pretendo cartografar opera justamente tentando escapar dos vários modos de captura existentes – por isso não se trata de trabalhar reforçando a ideia de patrimônio/registro, mesmo as mais bem intencionadas.

Assim, buscando traçar um plano comum pré-individual, pré-reflexivo e as-significante, além da Razão Universal e do Entendimento Humano, pretendo não produzir um trabalho *sobre* as manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil, mas maquinar uma barricada ou uma máquina de guerra *com* essas subjetividades monstruosas, junto desses ajuntamentos im/possíveis pós-apocalípticos onde “a aproximação não se faz por identificação dos semelhantes, mas por abertura e diferenciação” (KASTRUP e PASSOS, 2013: 276). Trata-se de um movimento do desejo, de uma operação transversal em curso que articula forças e afetos de uma recusa radical das instituições que sustentam o mundo como o conhecemos. Aqui, me sinto levado a retomar algo que atravessou a escrita dessas páginas.

Afirmei anteriormente que o *insight* que guia o desenho de pesquisa que tenho tentando compartilhar aqui é que há um protesto de inconscientes que, de forma fractal, errática e opaca, aponta os limites do Mundo Ordenado e as amarras da cartografia de sentidos identitário-figurativa. Esse protesto fugidio não anseia pelo arquivamento patrimonial, mas por práticas ex/orbitantes e fugidias que torcem o Entendimento e adensam sombras e mistérios irresolutos. O meu trabalho é uma máquina (de guerra) que se conecta a esse conglomerado maquínico comum e coletivo. Por isso a importância de traçar um plano comum, de buscar estratégias de aliança, de delinear associações (LATOURET, 2006) e de sublinhar a força de nossas fragilidades integradas – mesmo que oriundas de diversos e diferentes âmbitos, trajetórias e experiências – que existem à revelia desse mundo estéril.

(In)conclusão, ou a potência do meio das sombras

A esta altura da escrita desse texto/estudo sou, mais uma vez, perturbado e atravessado por diversas questões concernentes à pesquisa que já está em curso e que espero desenvolver durante os próximos anos. Sou, além disso, assombrado pelo receio de não ter dado conta de realizar o exercício a que me propus nessas breves páginas, deixando mais pontas soltas do que reflexões fechadas. Mas rapidamente as dúvidas e os anseios perdem a amargura e ganham um certo dulçor que envolve e atravessa, pelo menos em um instante infinito, minha existência. Não preciso que tudo esteja resolvido aqui, agora, para já. Como espero ter deixado *escuiresido* ao longo das últimas páginas, a minha pesquisa também tem

um caráter opaco, errático e não resolvível na luz da reflexão intelectual habitual e do Entendimento Humano. Como uma bicha racializada interiorana, nordestina, de origem humilde, que pesquisa temas que há muito estão à margem do que se convém chamar de ciência, eu travo, há anos, uma batalha molecular com o repertório e a política subjetiva acadêmica. Minha pesquisa trata-se, mais bem, de uma fuga desesperada, de um *zig-zag* nômade e incapturável, de uma *ex/orbitância* indefina rumo a lugar nenhum senão à própria fuga! Com meus sentidos aguçados, sei que – como sugerem Fred Moten e Stefano Harney (2013) – estudar é fugir!

Muitos aspectos ainda merecem atenção, não posso negar isso: como delimitar um *corpus* analítico das manadas de dissidentes sexuais e desobedientes de gênero do Brasil que traga consistência e exequibilidade para o trabalho de tese? Quais as ferramentas – entrevistas, encontros, visitas, experimento conjunto de drogas, passeios, terapias compartilhadas, etc. – que podem servir de fundação para este trabalho cartográfico? Como transformar em texto os afetos que atravessam, como flechas, o meu corpo e a minha psique? De que maneira é possível analisar os fluxos e contrafluxos que estão em jogo nas obras, instalações e demais criações artísticas desses gregarismos pós-apocalípticos dissonantes? Bem, essas são questões que, por ora, não consigo dar conta. Aprendi com Bruno Latour (2006) que, mais do que tudo, é preciso seguir colado no processo, farejando diagramas de forças, para que dúvidas sejam sanadas – ou melhor, sustentadas –, e para que trabalhos possibilitem a emergência de novos mundos.

Articulando pistas, agenciando afetos e COM-pondo máquinas de guerra através da imaginação radical com minhas parceiras pós-apocalíticas, pretendo apenas refinar a textura de uma malha que vibra e que vem sendo tecida, há muito tempo, por nós que fomos feitas em pedaços e que, a partir de nossas fragilidades integradas, (r)existimos além e aquém das formas, das capturas e da esterilidade do mundo como o conhecemos. Por isso tentei frisar o aspecto fugidivo e incapturável dessas fugas, bem como o perigo em capturá-las, reduzi-las e torná-las registros visíveis ou patrimônio.

Aqui, uma ressalva final. Não se trata, também, de sermos ignoradas e desprezadas. A radicalidade que propomos reside em aparecer com cuidado, para logo em seguida sumir em meio à noite preta. Precisamos estudar formas de sermos vistas, mas não compreendidas e capturadas pelo Entendimento; de ocuparmos lugares, mas de construirmos novos e im/possíveis lugares. Isso deve ser feito com o faro aguçado e com os sentidos em febre. Não foi o objetivo desde material discutir as diferentes searas, perspectivas e chaves de elaboração das políticas patrimonialistas – sei que se trata de um campo heterogêneo, em disputa, com diferentes atores e discursos. O esforço aqui cartografado (de maneira arriscada e precária) foi o de articular a recusa como força anticolonial. A recusa, o negrume e o ininteligível, escapando inclusive das melhores intenções – diversidade (de registros), representatividade (nos patrimônios humanos) –, podem ser máquinas de guerra que nos ajudarão a atravessar a grande noite sem acender a luz.²

Ecoando os ensinamentos de Moten e Harney (2013), nós corremos em busca de armas (nos tornarmos reconhecidas, valorizadas, e em certos momentos patrimonializadas), mas também corremos em busca de largá-las (nos tornarmos imensuráveis, indescritíveis e infinitas). O desafio, nesse sentido, está posto e

² Referência à exposição “Atravessar a Grande Noite Sem Acender a Luz”, de Jota Mombaça, inaugurada em setembro de 2021 no Centro Cultural São Paulo.

longe de ser resolvido – inclusive neste texto. A tarefa di(ante) da qual nos encontramos é estudar maneiras pelas quais nós – desertoras de todas as espécies e tradições – não sejamos ignoradas e esquecidas, mas que também não permitam que sejamos totalmente traduzidas e compreendidas. Seria possível um arquivo da recusa e da fuga? É viável a criação de um patrimônio da cosmopoética do negrume? Há como registrar o invisível e o insondável? São questões tocam as interfaces porosas e escorregadias entre gênero, raça, sexualidade, patrimônio cultural, herança especulativa, relações de poder e recusa como luta. São, portanto, questões quentes, magmáticas, atuais.

Espero que com este texto *esquizo*, amorfo e errático eu tenha contribuído para adensar a proposta deste dossiê, para torná-la mais quente e mais complicada (e não menos), para jogá-la nos mistérios e segredos da escuridão que serve de refúgio radical, além e aquém do que está posto. Somos força, arte, ética e estética. Somos rizomas ancestrais, moldadoras de mistérios, cultivadoras de mundos por vir que se fazem, de maneira espiralar, aqui. Aqui. E agora.

*Recebido em 31 de março de 2022.
Aprovado em 30 de abril de 2022.*

Referências

- BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do Refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam – os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições, 2019a.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 17^a edição, 2019b.
- CAMPOS LEAL, abigail. *Escuiresendo – ontografias poéticas*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*. Disponível em: <<https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>>. Acesso em 23/02/2022.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GOMES, Kevin. *Uma cartografia antropofágico-afetiva: notas sobre micropolíticas do desejo, colonialidade do gênero e devires vitais*. Dissertação de Mestrado, Ciências Sociais, UFCG, 2021.

KASTRUP, Virgínia. “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo”. In: ESCÓSSIA, Liliana; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (orgs.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2009. pp. 32-51.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal*, 25 (2): 263-280, 2013.

LATOUR, Bruno. Como prosseguir a tarefa de delinear associação? *Configurações*, 2: 11-27, 2006.

MOMBAÇA, Jota; MATTIUZZI, Musa Michelle. “Carta à leitora preta do fim dos tempos”. In: FERREIRA DA SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*. Disponível em: <<https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>>. Acesso em 23/02/2022.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, Marcia. “Do ‘pesquisarCOM’ ou de tecer e destecer fronteiras”. In: BERNARDES, A.G. et al. (orgs.). *Cartas para pensar – políticas de pesquisa em Psicologia*. Vitória: EDUFES, 2014, pp. 131-137.

MOTEN, Fred. “Ser prete e ser nade (misticismo na carne)”. In: ARIAS, André et al. (eds) *Pensamento Negro Radical – antologia de ensaios*. São Paulo: Crocodilo; N-1 Edições, 2021, pp. 131-188.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. *The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study*. Nova York: Autonomedia, 2013.

VENTURINI, T. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, 19 (3): 258-273, 2010.